

Quanto se pode perder de informação é a pergunta que todos deveriam se fazer, diz especialista em TI

O ano de 2020 foi marcado desde o início não somente pela pandemia de Covid-19, que ainda afeta 219 países e territórios. Mas também pela aceleração da transformação digital. Com pelo menos 30% das empresas trabalhando em sistema home office, o mundo se tornou ainda mais online. As pessoas pagam contas, transferem dinheiro e contratam empréstimos sem precisar ir ao banco. Estudam e fazem provas sem precisar ir à escola. Se reúnem com parceiros de trabalho e clientes sem precisar sair de casa. Nesse período recente cresceu demais os serviços de entretenimento. As pessoas compram músicas, filmes, palestras e até peças de teatro - tudo online. Farmácia, supermercado e delivery de comida são campeões nas contas de cartão de crédito. Mas tudo isso tem um preço: segurança.

De acordo com Adriano Filadoro, diretor-presidente da Online Data Cloud, toda essa conveniência que o mundo digital proporciona tem seus riscos. "Infelizmente, todos estamos sendo seguidos por hackers. Alguns amadores, outros bastante profissionais. Se, por um lado, existem aqueles fanfarrões prontos para capturar e divulgar fotos íntimas de famosos nas redes, por outro lado, hoje em dia existe até mesmo a possibilidade de se contratar serviços que infectam computadores de grandes corporações com o objetivo de enfraquecer a concorrência. Não se trata mais de 'se' os seus dados serão violados, mas de 'quando' isso vai acontecer. Mais importante: pessoas e empresas têm de se perguntar quanto de informação estão dispostos a perder".

Filadoro diz que ainda que a indústria de TI (tecnologia da informação) esteja atenta a todas as movimentações fraudulentas, havendo várias soluções de acordo com necessidades específicas, há que se levar em conta que se trata de uma briga de gato e rato. Ou seja, hackers estão sempre tentando invadir sistemas. Quando conseguem, é preciso de um tempo para recuperar as informações perdidas. "Uma pessoa pode não recuperar fotos ou documentos que não contavam com back-up ou armazenamento na nuvem. Uma empresa pode passar um dia todo off-line até que se possa restaurar o sistema. Mas há negócios que não dispõem sequer de dez minutos fora do ar, caso contrário a perda financeira - bem como reputacional - é imensa. É o status das informações que determina o ponto de recuperação".

Para o executivo, além de contar com inúmeras soluções de back-up na nuvem e recuperação de desastres, as empresas ainda têm de fazer um trabalho intenso de conscientização junto à sua força de trabalho. "Podemos limitar o acesso dos notebooks de uma empresa a sites de conteúdo adulto ou inapropriados. Podemos, também, monitorar o tráfego de uma empresa para detectar qual máquina é responsável por tornar todos os processos mais lentos. Podemos até mesmo interceptar más condutas individuais. Mas a mensagem mais importante ainda é: Fique longe do 'clique aqui'. É nesse segundo antes de a pessoa apertar a tecla que deve falar mais alto o bom senso. Ou seja, ninguém deve ser tão ingênuo a ponto de achar que pode levar vantagem clicando num link enviado por e-mail. Também não deve clicar por medo de uma conta vencida ou uma multa qualquer. Tudo isso pode ser checado nos aplicativos das empresas, sem precisar clicar em links maliciosos. É através do convencimento das pessoas que as ferramentas disponíveis para evitar perdas e danos se tornam fortes aliadas".

Adriano Filadoro, diretor-presidente da Online Data Cloud - empresa especializada em nuvem, com 25 anos de atuação. <https://www.onlinedatacloud.com.br>

Fonte: Press Página, em 08.02.2021